

# **A Jornada De Individuação De Joe Gardner Em “Soul”: Uma Análise Junguiana**

**Caroline Cristina Silva de Figueredo<sup>1</sup>**

**Quendra Ramos Silva<sup>2</sup>**

**Juliana Campagnoli Buzzola<sup>3</sup>**

**Mauro Sergio da Rocha<sup>4</sup>**

## **Resumo**

Este artigo busca analisar o filme Soul, uma animação dirigida por Pete Docter e Kemp Powers, lançada em 25 de dezembro de 2020. Para isso, utiliza como embasamento teórico a Psicologia Analítica, a fim de compreender aspectos do processo de individuação de Joe Gardner no decorrer do filme. Ao longo do texto apresenta-se a conceitualização dos arquétipos interligados ao processo de individuação, a relação entre os conteúdos psíquicos e o esclarecimento deste processo. Após isso, constroi-se um breve resumo do filme, que descreve partes que auxiliam no entendimento da trajetória do personagem e análise do tema. Através de uma perspectiva simbólica, explana o significado da nomenclatura “Soul”, e o estilo musical que leva o mesmo nome, interligando elementos do filme e o processo de individuação. Conclui, dentro de uma prática psicológica, a possibilidade de utilização da obra cinematográfica como auxílio no entendimento de conteúdos psíquicos e, especificamente no atendimento psicoterapêutico, como exemplo de vivência possível dentro das singularidades humanas.

**Palavras-chave:** cinema, psicologia analítica, individuação.

## **Joe Gardner’s Journey of Individuation in “Soul”: A Jungian Analysis**

## **Abstract**

This paper aims to analyze the animated movie Soul, directed by Pete Docter and Kemp Powers, released in December 25<sup>th</sup>, 2020. To achieve this, Analytical Psychology is used as the

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Psicologia - Unipar. Umuarama - PR, Brasil. E-mail: caroline.225508@edu.unipar.com

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Psicologia - Unipar. Umuarama - PR, Brasil. E-mail: quendra.ramos@edu.unipar.br

<sup>3</sup> Acadêmica do curso de Psicologia - Unipar. Umuarama - PR, Brasil. E-mail: juliana.134844@edu.unipar.br

<sup>4</sup> Professor Orientador do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR. Umuarama - PR, Brasil. E-mail: rochapsc@unipar.br

theoretical groundwork, in order to understand aspects of Joe Gardner's individuation process as the movie unfolds. The conceptualization of the archetypes interconnected to his process of individuation, the relation between the psychic contents and the clarification of this process are presented along the text. Afterward, a brief summary of the movie is given, in which parts that help the understanding of this character's trajectory and theme analysis are described. Through a symbolic perspective, the use of the name "Soul" for the movie is explained, as well as the musical style named likewise, interconnecting movie elements and the process of individuation. The conclusion brings a consideration of the possibility of the use of a movie within the psychological practice as a tool to help the understanding of psychic content and, specifically, in the psychotherapeutic treatment, as an example of possible lived experience within human singularities.

**Key words:** movie theater, analytical psychology, individuation.

## **El Viaje De Individuación De Joe Gardner En "Soul": Un Análisis Junguiano**

### **Resumen**

Este artículo pretende analizar la película Soul, animación dirigida por Pete Docter y Kemp Powers, estrenada el 25 de diciembre de 2020. Para esto, utiliza la Psicología Analítica como base teórica para comprender aspectos del proceso de individuación de Joe Gardner a lo largo de la película. Durante todo el texto se presenta una conceptualización de los arquetipos relacionados al proceso de individuación, la relación entre los contenidos psíquicos y el esclarecimiento de este proceso. Sigue un breve resumen de la película, en el que se describen partes que ayudan a comprender la trayectoria del personaje y a analizar el tema. Desde una perspectiva simbólica, explica el significado del nombre "Soul" y el estilo musical que es llamado del mismo modo, vinculando elementos de la película y el proceso de individuación. Concluye, dentro de una práctica psicológica, la posibilidad de utilizar la película como auxiliar en la comprensión de contenidos psíquicos y, específicamente, en la atención psicoterapéutica, como ejemplo de se vivir una experiencia posible dentro de las singularidades humanas.

**Palabras clave:** cine, psicología analítica, individuación.

### **Introdução**

O presente artigo, tem por objetivo expor algumas possibilidades de correlações de conteúdos, presentes no longa metragem Soul dos estúdios Pixar, através do arcabouço teórico da psicologia analítica, de C. G Jung. Para isso, são elucidados os principais conceitos da teoria, a fim de propiciar ao leitor uma compreensão satisfatória sobre o tema, e guiá-lo ao longo do texto. São interligados os conceitos analíticos, à importância que a arte cinematográfica desempenha, nas possíveis expressões dos conteúdos da alma humana.

Faz-se também, a explanação da narrativa da animação, tendo como enfoque principal, as cenas posteriormente analisadas, para que, através do panorama geral da trama, o leitor seja introduzido ao universo Soul. Ao debruçar-se na análise propriamente dita, os autores levam em consideração a escolha do título da animação, além dos recortes sócio-políticos-culturais intrínsecos na trama. As análises trabalham com a trajetória do protagonista Joe, e os desafios que enfrenta em sua jornada. Essa, passa pela busca de seu grande e único sonho, seus fracassos, desistências, defronto com seus medos, a relação com sua mãe, e uma experiência pra lá de sobrenatural, que o leva a conhecer uma personagem chave para sua transformação. Por fim, os acontecimentos da estória, culminaram em profundas reflexões ao protagonista, e a valorização de sua vida por ela mesma.

A partir das análises esmiuçadas, em conclusão, o texto aponta para possíveis utilizações do filme Soul em setting terapêutico, como recurso disparador de transformações psíquicas, pois os desafios vencidos pelo protagonista podem representar vivências similares aos de clientes/pacientes/usuários, e terapeutas.

## **Jung e a Psicologia Analítica**

A psicologia analítica proporciona uma compreensão profunda do conteúdo humano e da expressão da psique. Dentro desse panorama, ela se destaca como uma abordagem enriquecedora que traz consigo conceitos próprios e uma compreensão da psique humana que interage com vários outros aspectos da realidade. Nesta teoria, são abordados diversos conceitos fundamentais como o inconsciente coletivo, o inconsciente pessoal, complexos e arquétipos, que são elementos estruturantes da personalidade. Complementar a esses conceitos, encontram-se ego, persona, sombra, anima/animus e o self (Edinger, 2004).

Dentro da psicologia analítica, os arquétipos são a base estrutural de todos os conteúdos. Estes se encontram sobretudo no inconsciente coletivo e, a partir da vivência dos sujeitos, potencializam-se em complexos carregados afetivamente. Por sua vez, esses complexos formam a personalidade do sujeito e, em sua grande maioria, transitam pelo inconsciente pessoal.

No contato com a realidade interna e externa, esses conteúdos complexos podem ser projetados em pessoas e objetos que remetem a imagens que traduzem possibilidades arquetípicas. Isso ocorre pois existe uma base comum das experiências em conjunto aos padrões universais.

A compreensão deste processo e a interação entre esses conteúdos citados, a introjeção das projeções e a identificação dessas imagens e padrões estruturantes encaminha o sujeito em seu processo de individuação que, dessa forma, busca a integralidade da personalidade. Neste percurso, o sujeito se depara com as possibilidades de ser, com insights sobre a psique humana individual e coletiva, muito em virtude da criatividade e da expressão artística (Silveira, 2015).

Para se entender com mais clareza o processo de individuação, foco deste trabalho, há que se apontar caminhos e conteúdos envolvidos. Pois, ao analisarmos a história e vivência do sujeito podemos compreender o quanto este se reconhece em sua própria vida. Complementar a isso e prezando por conteúdos artísticos, podemos afirmar que elementos presentes na história de um dos personagens da narrativa do filme *Soul*, pode oferecer pistas que sinalizam para uma forma estruturante de busca por um processo de desenvolvimento da personalidade e, conseqüentemente, auxiliar no processo de individuação, como possibilidade simbólica dentro da clínica junguiana. Por esse caminho, pretende-se, então, contextualizar alguns conceitos que integram esse processo.

O primeiro é a persona, uma máscara social que usamos para nos adaptar ao meio, sendo responsável pela construção de identidade. É o lado “bom” que mostramos aos outros mas, na maioria das vezes, não percebemos por ser uma ação inconsciente (Laffitte, 2002). Exemplificando, pode-se dizer que, com os amigos agimos de uma forma e no ambiente de trabalho de outra, e assim em vários outros grupos que participamos.

Em contrapartida, temos a sombra, que é todo conteúdo, como sentimentos, pensamentos, desejos e contradições que não são moralmente aceitos pelo ideal de personalidade individual ou pela sociedade (Von Franz, 1985). Porém, deve-se ressaltar, que ela não é apenas composta pela parte negativa e obscura do indivíduo. Nela estão conteúdos reprimidos, que podem estar ligados

a nossos conteúdos infantis, talentos e habilidades não desenvolvidas (Zweig & Abrams, 1994). Esta sombra, no entanto, pode agir de forma consciente quando não nos importamos de a revelar, mas na maioria das vezes, age de maneira inconsciente, se manifestando através das projeções, sonhos e comportamentos impulsivos (Von Franz, 2002). Sendo assim, quando inconsciente e negada, acabamos por ver no outro esses traços que não aceitamos em nós. Laffitte (2002, p. 3) confirma esta afirmativa dizendo:

Essa Sombra, quando negada em sua existência, pressiona a mente humana a diversas ações destrutivas ao meio e autodestrutivas, por meio de um sistema defensivo organizado que leva a pensar, agir, sentir, relacionar-se com o mundo, perceber-se e aos outros, de uma dada maneira.

Mas vale ressaltar que se nos identificarmos com nossa sombra, podemos produzir ações destrutivas, correndo o risco de sermos egoístas, apáticos, arrogantes e até mesmo cruéis. Pois, como a sombra contém desejos e traços que foram reprimidos, identificar-se com ela pode gerar desequilíbrio, e comportamentos impulsivos. Esta relação pode prejudicar os relacionamentos interpessoais, e causar uma visão distorcida de si mesmo e dos outros, acarretando em paranoias, e processos que podem se tornar sistemas de auto sabotagem e autodestruição. Por outro lado, é a sombra que possibilita ao sujeito identificar partes que podem ser desenvolvidas em direção à individuação. Como se fossem partes que o sujeito não se permite viver, pois ainda não encontra formas de reconhecer sua vida e suas responsabilidades. Ou seja:

Só quando percebemos aquela parte de nós mesmos que até então não vimos ou preferimos não ver, podemos avançar para questionar e encontrar as fontes das quais ela se alimenta e as bases sobre as quais repousa. Logo, nenhum progresso nem crescimento são possíveis até que a sombra seja adequadamente confrontada — e confrontá-la significa mais do que apenas conhecê-la (Zweig & Abrams, 1994, p. 40).

Outro conteúdo presente na teoria, é a anima e o animus. Simplificadamente, podemos entendê-los da seguinte forma: “Anima significa o componente feminino numa personalidade de homem, e o Animus designa o componente masculino numa personalidade de mulher” (Sanford,

1987, p. 12). Se manifestam através de projeções que realizamos em nossas relações, pois o masculino do homem é de base consciente, enquanto a anima é inconsciente, e vice-versa em relação ao animus (Sanford, 1987). Assim, características do animus que estão inconscientes, podem se manifestar nas relações interpessoais da mulher através de projeções, incorporando esses traços em homens que ela conhece, buscando neles qualidades que ela ainda não reconheceu em si mesma. Deste modo, a anima do homem, com características inconscientes, também pode se manifestar nas relações com mulheres. Mas, é importante enfatizar que anima e animus, possuem partes um do outro, com os mesmos conteúdos, se expressando de formas diferentes.

Por fim, há o self, um arquétipo que contribui com o processo de individuação por organizar os outros conteúdos da psique. Apresenta-se como representação da totalidade e imagem divina. Inclui aspectos conscientes e inconscientes, e está sujeito a contínua transformação, conforme nos desenvolvemos ao longo de nossa vida. Representa tanto nossa origem quanto nossos desejos, se conectando com o ego para uma compreensão mais ampla de nós mesmos (Downing, 1994). Ele é composto por polaridades que refletem a complexidade da experiência humana (Downing, 1994).

Sendo assim, o self, tanto impulsiona, quanto orienta o processo de individuação. Processo esse, de desenvolvimento e auto realização, que caminha para uma totalidade como expressão da singularidade (Stein, 2000). Este é um processo contínuo, haja vista que estaremos em constante transformação. Nesse sentido, individuar-se está ligado ao reconhecimento de impulsos, valores e motivações, tanto em seus aspectos positivos quanto negativos. Estes virão à tona, objetivando levar o indivíduo a se tornar consciente de boa parte de si, integrando e harmonizando as partes da psique, reconhecendo também, aspectos inconscientes da personalidade (Edinger, 2004). Em outras palavras, reconhecer esses conteúdos e imagens, nos leva ao encontro de nossas potencialidades, à relações mais saudáveis, e à diminuição das projeções. Isto ocorre, sobretudo, pelo fato de que passa-se a reconhecer tais características em si mesmo, assumindo a própria personalidade sem o sentimento de culpa.

Apesar do reconhecimento de todos esses aspectos pessoais, é importante salientar que esse processo não se limita apenas a estes conteúdos. Também há que se reconhecer outros aspectos eco-bio-psico-sociais, conscientes e concretos, ou inconscientes e reflexivos, influenciando positiva e/ou negativamente o sujeito. Isso faz com que, ao longo do processo de

individuação, o sujeito experimente um aumento da consciência, uma sensação de um sentido e propósito de vida (Stein, 2020). Por fim, uma maior conexão consigo mesmo.

Como dito acima, ao conectar-se com seu processo de individuação, o sujeito entra em contato com seus conteúdos inconscientes, que se manifestam através de símbolos, e outras representações. Por isso, as manifestações artísticas e culturais podem apresentar aspectos e representações, que têm a possibilidade de fornecer pistas, indicando caminhos que nos conectem aos nossos conteúdos, conscientes ou inconscientes. Essas manifestações também oferecem acesso às representações das imagens arquetípicas e dos conteúdos do inconsciente coletivo. Dessa forma, “os recursos da mitologia, literatura, cinema, televisão etc, podem cada vez mais nos inserir no campo do cultivo da alma, ou seja, do autoconhecimento” (Monteiro, 2013, p. 10). Isso quer dizer que, essas manifestações artísticas oferecem narrativas e imagens, que podem se assemelhar, ou evocar experiências internas no indivíduo, levando à reflexão e o ajudando a compreender seus próprios impulsos, motivações e conflitos.

Dentro da perspectiva analítica, na arte, fundamentalmente, se expressa o espírito, a psique, a alma na matéria. Trata-se de uma incorporação, no sentido de dar forma (corpo), a ideias abstratas, exteriorizar o mundo interior, ao passo que se modifica a psique com o resultado de sua expressão. Pois, ao deparar-se com as representações expressas na arte, o sujeito pode ser levado a refletir sobre seus próprios conteúdos. Além do mais, a personalidade é impulsionada à produção artística por um complexo, carregado de afetos, advindos das experiências do sujeito, que pode conciliar-se com conteúdos coletivos. O que justifica a identificação, e os afetos movimentados naqueles que contemplam tais produções (Barcellos, 2004).

Levando isso em conta, nosso foco se faz em compreender como uma obra cinematográfica, de animação, pode contribuir para o reconhecimento de aspectos ligados ao processo de individuação. Nessa perspectiva, o cinema deixa de ser apenas um enredo em que se contam histórias, e assume uma propriedade projetiva, sendo expressas, além da beleza da arte, conteúdos psíquicos, simbolismos, imagens arquetípicas e as diversas nuances da alma humana. Pois, percebe-se que há ilimitadas formas de diálogo entre cinema e seus telespectadores, uma vez que há nas telas, a projeção da realidade dos indivíduos que a assistem.

### **Sobre almas: um pouco de história**

Por reconhecer a arte cinematográfica como promotora de imagens que contribuem para o sujeito estabelecer contato com conteúdos psíquicos, esquadrihar-se-à a narrativa do filme *Soul*. Este filme é uma animação dos estúdios Pixar, dirigida por Pete Docter e Kemp Powers, lançada em 25 de dezembro de 2020. Esta contextualização é feita com o intuito de explicar e refletir sobre temas apresentados na obra, que nos remetem à conteúdos trazidos pela psicologia analítica.

O longa, conta a história de Joe Gardner, um homem negro de 46 anos, professor de música de uma escola pública em Nova Iorque, que sonha em se tornar um músico reconhecido de jazz. O protagonista, logo no início do filme, recebe a proposta de ser oficialmente contratado pela escola onde ministrava aulas em regime freelance. Uma reviravolta acontece, quando um ex aluno, o baterista Curly, convida-o a fazer um teste para o quarteto de Dorotheia Williams, uma musicista renomada no mundo do jazz.

Quando o professor é aprovado na audição, e tem a grande chance em sua vida de realizar seu sonho, sai do ensaio tomado de puro êxtase. Em seu caminhar pelo centro de Nova Iorque, drasticamente, cai em um buraco e sua alma se desprende do corpo, caminhando para o “além vida”.

No instante em que Joe percebe que está caminhando para a morte de fato, se revolta, e começa a correr desesperado para o lado contrário ao da luz. Na fuga, acaba rompendo o tecido que divide o “Além Vida” do “Pré-Vida”. Cai neste segundo plano que, na trama, compreende o espaço onde as almas dos bebês, antes de nascerem, formam suas personalidades e descobrem seus maiores interesses.

Nesse momento, ele se depara com um novo personagem que se apresenta como “*a combinação de todos os campos quantizados do universo*” (*Soul*, 2020), ou “Zé”. Este apresenta o local a Joe, e o identifica como um dos “mentores”, personalidades emblemáticas que já estiveram vivas, e inspiram novas almas a encontrarem seus propósitos, apresentando suas realizações na terra.

Para se disfarçar, Joe finge ser um dos mentores, o renomado psicólogo infantil Dr. Borgensson, já que a outra alternativa seria seguir para o “Além Vida”.

Joe, em seu disfarce, é guiado à apresentação do programa “Escola da Vida”, e destinado a mentorear 22, uma alma extremamente irritante, e esperta. 22 logo garante que de qualquer forma, Joe não conseguirá convencê-la a nascer, pois já havia sido mentoreada por diversas

personalidades. Esta personagem afirma a Joe que nada do que os mentores disseram ou mostraram, a fez querer vir à Terra.

Por outro lado, Joe determinado a retornar à materialização de seu grande sonho, revela sua verdadeira identidade, e apresenta os flashes de sua vida à 22. Nesse momento, Joe percebe o quanto sua vida fora monótona, e marcada por uma série de fracassos. Vendo essas imagens, ele sente vergonha da vida que tinha.

Com isso, seu ímpeto de retornar à vida fica mais intenso, já que finalmente ele poderia fazê-la valer a pena. Os dois entram em um acordo: achar um propósito para 22, para que ela consiga o passe para a Terra e entregue-o à Joe. Assim ele poderia retornar a vida e ela não precisaria nascer.

22 apresenta Joe a Moonwind, um homem que vive com sua alma conectada ao que, no universo da animação Soul, é chamado de “Viagem”. Um espaço entre o real e o imaginário, onde as pessoas conectam-se consigo mesmas através de alguma atividade que está no cerne de seus propósitos de vida. O maior problema desse espaço é que, quando uma pessoa se desconecta totalmente da realidade, acaba se tornando uma alma obsessiva e vazia de sentido. Moonwind, transita conscientemente na viagem, pois é um homem espiritualizado, e junto com outros nesse mesmo estado, ajuda almas perdidas a se reconectarem com a realidade.

Joe e 22 acompanham os viajantes em um processo de recuperação de uma alma perdida, e veem a possibilidade de que façam o mesmo com Joe e seu corpo, que está na terra em estado de espera. Moonwind e seu grupo, denominado “místicos sem fronteiras” abrem um portal para a Terra. Joe visualiza seu corpo, que estava em coma junto a um gato e se desespera para pular, acabando por empurrar 22 no portal. A sequência dessas ações fazem com que a Alminha 22 acabe no corpo de Joe, enquanto ele acaba entrando no corpo do senhor Bigodes, o gato que estava junto do corpo dele no hospital.

Tentando lidar com o ocorrido, Joe ensina a 22 coisas básicas da sobrevivência. Resumidamente, ele tenta fazê-la ser como ele. Nesse processo, ela acaba tomando atitudes diferentes da personalidade de Joe.

Com o passar do tempo, e o plano ocorrendo como combinado, chegada a hora da alma de Joe retornar ao seu corpo, 22 reconhece que, agora, deseja viver. Ela percebeu que seu propósito não era como acreditava ser, algo extremamente fascinante que faria todos os aspectos da sua “quase” vida, sem graça e entediante, realmente fazerem sentido. Mas que na verdade, o

grande propósito da existência, era estar em sintonia com o “aqui e agora” e saber saborear os momentos da vida, a beleza fascinante de um dia comum. Porém, Joe não a compreende nesse sentido, já que está obcecado por realizar o que acredita ser seu único e grande sonho. Assim, ele deságua em 22 suas frustrações e reivindica seu corpo, uma vez que, para ele, 22 só pôde experimentar a vida por ele a ter entregue essa oportunidade.

Magoada, ela foge, e os dois são capturados por Terry, o responsável por contabilizar as almas que passam para o “Além Vida”. Voltando para o “Pré-vida”, 22 completa seu Passe, e o entrega a Joe. Ele parece hesitar por um momento, mas o aceita, e volta para a Terra a tempo de fazer sua apresentação.

Após realizar seu sonho, ele pergunta para Dorotheia o que vinha depois disso. Ela o responde dizendo que no dia seguinte faz tudo de novo, deixando-o decepcionado pois ele imaginava que tudo seria diferente após aquele momento.

De volta para sua casa, ele reflete sobre os momentos que viu 22 vivendo em seu corpo. O quanto ela era feliz em coisas simples da vida, coisas que ele não valorizava, ou se quer percebia. Nesse momento, Joe concentra todos os sentimentos provocados por essa experiência, utilizando de alguns objetos banais que 22 havia guardado junto de si durante sua curta vida na terra, e compõe uma melodia em seu piano. Através disso, ele consegue entrar na “Viagem” de forma consciente, assim como Moonwind.

Ele encontra 22 e, infelizmente, ela se tornou uma alma perdida, um grande e violento monstro. Joe tenta se aproximar, mas sem sucesso. Até que se lembra de uma folha de árvore seca que 22 havia guardado de sua experiência na terra. Então, 22 o engole.

No centro do furacão de emoções, dentro de 22, Joe a avista em sua forma original, pequena e iluminada, chorando, dominada por uma profunda tristeza. Neste cenário, apareciam todas as vezes em que os mentores, Joe e alguns dos “Zé”, haviam lhe ofendido. O centro do problema era o medo de não ser boa o suficiente para finalmente nascer. Joe consegue se aproximar, entregá-la a folha seca e abraçá-la. Com isso a escuridão se desfaz, e ela retorna a ser quem era.

Por fim, 22, agora renovada pelas experiências, e com seu passe, vem à vida. Cheia de medos, mas consciente das possibilidades. E Joe, como recompensa por ter auxiliado em todo o processo, recebe de “Zé” a oportunidade de retornar à sua vida. Ele também, agora, possui uma nova perspectiva sobre viver.

## **Individuação na imagem da Alma (Soul)**

A partir da exposição sobre a perspectiva junguiana e sua relação com o cinema, pode-se compreender o quanto os mesmos interagem, a fim de descrever processos humanos. Assim, a história trazida pelo filme leva a pensar sobre o processo de individuação. Isto ocorre pela sequência de acontecimentos com o personagem Joe Gardner, uma vez que em suas experiências é possibilitado refletir sobre conteúdos psíquicos, que promovem uma transformação. Na trama trazida pela animação, os personagens entram em contato com partes não reconhecidas de si, e isso leva ao (re)conhecimento da totalidade da vida, e da própria singularidade. Dessa forma, a seguir, refletiremos sobre o processo de individuação do protagonista do filme Soul, auxiliados pela perspectiva da psicologia analítica.

Podemos iniciar, entendendo os significados por trás do título do filme. Soul, é uma palavra em inglês que possui como tradução literal para o português o significado de Alma. Na perspectiva analítica, a alma pode ser definida como algo que contempla uma imensidão, mas que pode ser sentida através das experiências cotidianas. Numa definição teórica, Hark (2000, p. 9) afirma que seria “[...] a máxima intensidade psíquica concentrada no mínimo espaço”.

Pode-se atribuir o motivo da escolha do título pela presença das representações almatônicas dos personagens enquanto estão fora de seus corpos. Porém, ao ampliar o olhar à temática, leva-se em consideração os recortes socioculturais que perpassam o filme.

A animação se passa na cidade de Nova Iorque, e o protagonista é um homem negro que tem sua história entrelaçada ao ritmo musical Jazz. Os EUA é marcado pelo histórico segregacionista, e as lutas anti-racismo têm como identidade a expressão cultural através da música. Aqui, vemos o Jazz como expressão e identidade da alma do personagem. Agregado a isso, o soul é também um estilo musical que surge nos anos 50, como uma variação do Gospel para o POP. A principal característica sonora do estilo, era o uso de técnicas para expressar devoção, intensidade, e êxtase espiritual, o que transmitia a sensação de que cantavam e tocavam com sua alma (Brackett, 2009). Conectando o filme e a temática aqui explanada, podemos observar uma profundidade apontada pelo filme através dos elementos simbólicos trazidos e, da mesma forma, a necessidade de um aprofundamento em si no processo de individuação. Ambos, simbolismos do filme e o processo de individuação, transmitem e se fazem nesses contextos simples, mas com intensidade e profundidade.

Com essa visão, o estilo Soul, ultrapassa o que se espera de uma produção musical. Os músicos, desde o início, se identificavam intensamente com as temáticas interpretadas, que traziam em seu teor, as dores da segregação racial. Segundo Brackett (2009) o estilo trazia algo relacionado ao campo espiritual e social dos negros. Tal efeito de fusão aparece na trama representado pelo poder da identificação com algumas atividades, em que os personagens transcendem-se a si mesmos, e a realidade entrando no espaço que é denominado “Viagem”.

Hillman (1996), aponta que, na vida humana ocorre um momento como um “chamado” a um fascínio, o qual a pessoa sente que “nasceu para isso”. O personagem Joe tem essa percepção de sua história muito bem definida, uma das primeiras cenas do filme mostra isso, em que ele conta a seus alunos que quando criança foi levado pela primeira vez a um PUB de Jazz por seu pai, e se sentiu chamado pelo piano. A partir desse momento sua vida é completamente guiada por esse grande propósito. O que ocorre com o personagem, é que talvez não tenha compreendido o que seu pai o disse naquele dia “*O jazz é só uma desculpa para você se revelar*” (Soul, 2020), e vive obcecado por tal, como se o fosse seu fim em si mesmo.

Seguindo com a trama, agora iremos expor alguns componentes da estrutura psíquica que fazem parte do processo de individuação, identificados ao decorrer do longa. No início do filme, vemos Joe desempenhando o papel de um professor de música em uma escola, e fingindo para a diretora que gostou da proposta de ser efetivado, depois ainda, conta para a sua mãe que vai aceitar a efetivação. Com isso, percebemos Joe assumindo uma persona, a mesma é como uma máscara social, que adequamos conforme o ambiente em que nos encontramos, Joe a utiliza para conviver amigavelmente com sua mãe, mesmo que suas expectativas fossem opostas às dela. Dentro da perspectiva junguiana, a vivência apenas pela persona provoca um vazio, uma falta sentida como a não vivência completa de si (Stein, 2020). Ao identificar-se com a persona e buscar a aprovação social, Joe ignora partes de si que merecem atenção. Estes aspectos menos valorizados serão vistos mais adiante.

Segundo Stein (2020) é de extrema importância a capacidade do ser humano de imitação, tal processo é fundamental para seu desenvolvimento. Por outro lado, o mesmo autor afirma que a persona pode ser uma sutil inimiga da individuação, caso a relação com a mesma não promova um amplificação e autoconhecimento. Esta ação, implica em refletir sobre o fato de se estar utilizando essas máscaras, e entender que a personalidade total não se resume a mesma.

Aparentemente, Joe utiliza e identifica-se com essa persona, inconscientemente. Se de um lado ele contribui para que todos acreditem que ele está feliz com o que tem e onde está, por outro, ele é um profissional frustrado, que está sempre se comparando com grandes músicos. Parte de sua crise, tem relação com o fato do mesmo acreditar que por estar como um professor de escola pública teria fracassado e desistido de seu sonho. E, nestes conteúdos, podemos identificar a relação entre a persona e a sombra. Enquanto uma satisfaz o externo, a outra mobiliza conteúdos internos, que podem levar o sujeito às próprias decepções (Laffitte, 2002).

Quando Joe desiste temporariamente do sonho de se tornar um grande músico, é possível mais uma vez pensarmos na desintegração do personagem. A desistência pode representar o desapego a partes de si, trazendo a ideia de que o sujeito não se vê em sua totalidade. Pode-se interpretar tal comportamento como uma manifestação de sua sombra, sendo essa composta por conteúdos como sonhos, desejos, prazeres que foram reprimidos. Segundo Kast (2019, p. 64), “Muitas vezes, na sombra se esconde o que não estaríamos autorizados a viver”. O que nos leva a conclusão que Joe está reprimindo seu desejo, pois se ele o manifestasse, não seria bem aceito por sua mãe, e por todas as pessoas que convivem com ele. Mas principalmente, essa repressão está ligada a como Joe internalizou as expectativas dos outros. Por ser um homem de meia idade, que não obteve sucesso na vida, e tenta manejar o medo do fracasso iminente, Joe não se assume, não consegue lidar com seus conteúdos de forma madura. Haja vista, que seu pai também era músico, e nunca conseguiu um bom aproveitamento como profissional. Sua mãe, sobre isso, o lembra que ela sempre foi responsável pela subsistência da família. Portanto, Joe não reprime seus desejos apenas pela reprovação de sua mãe, mas também pelo seu próprio medo de fracasso.

Aqui podemos inferir sobre a relação com a uroboros, proposta por Neumann (1990). Além de aspectos da persona, fazendo com que o mesmo seja aceito, ainda há conteúdos indiferenciados na sombra. Isso faz com que o personagem permaneça preso a conteúdos pouco desenvolvidos, a imagens fantasiosas de uma realidade imaginária. Ou seja, neste aspecto e contexto, Joe não precisa crescer e sair da uroboros.

Porém, logo após essa cena, quando ele é convidado a fazer uma audição para o quarteto de Dorotheia Williams, o vemos disposto a resgatar esse desejo novamente, e a trazer conteúdos que até então estavam em seu inconsciente. É importante salientar que em decorrência deste convite, ele utilizou uma outra persona, agora de um profissional confiante, a fim de agradar o olhar crítico de Dorotheia. Discrepância de personalidade bem notável. Logo após ele sair do

teatro, saltitante e surpreso por ter sido aceito, Joe sofre um acidente que o leva ao “Além vida”, e logo em seguida ao “Pré Vida”.

Estando nesse espaço quântico, vale analisarmos a cena que acontece na Sala da Vida, quando Joe se dispõe a mostrar seus grandes feitos a 22. Podemos dizer, que esta também pode ser interpretada como um encontro com os conteúdos de sua sombra, já que, neste momento ele percebe algumas lembranças que havia reprimido, por não aceitar a realidade. Até então, sua narrativa se mostrara fantasiosa e, com essa nova explanação, sua vida exposta revelava muito mais fracassos do que conquistas. Esse defronto tem um efeito conscientizador sobre o personagem.

A respeito desse fenômeno, de enxergar a própria vida como em um espelho, observamos o que aponta Stein (2020) sobre a consciência na meia-idade. Segundo este autor, chega uma fase do desenvolvimento humano, que leva o sujeito a passar por transformações que não oferecem possibilidade de estagnação. Algo como: se transforma ou é transformado. Aparentemente é nesta fase que se encontra nosso protagonista, nesse espaço-tempo que pode ocorrer o que o autor define como liminaridade. Os aspectos da identidade que até então eram fixos, flutuam, não fazendo mais tanto sentido ao sujeito, e essa visão nítida pode resultar em um novo centro da personalidade. Esse novo ponto de equilíbrio na psique, independente desses aspectos antes fixos, parte de uma integração da sombra, e o reconhecimento de outros conteúdos inconscientes.

Levando nosso enfoque agora para as cenas que ocorrem quando os personagens voltam para terra. É visto que, por uma busca de estar garboso para sua primeira apresentação como músico profissional, Joe orienta 22 à se dirigir ao barbeiro e falar apenas sobre Jazz. Aqui novamente vemos a identificação com a persona e a negação de outros conteúdos junto a psique. Demonstrando, inclusive, uma rigidez própria da ação de um complexo autônomo (Stein, 2020). Dizemos isso, pois, esse era sempre seu tema, por acreditar ser o melhor conteúdo que possuía. Mas, não é Joe que manda em seu corpo neste momento, 22 tem o controle e altera o rumo da conversa, abrangendo outros aspectos e fazendo todos os presentes no estabelecimento se atentarem para sua fala. Joe, ao observar 22 expor opiniões enquanto estava em seu corpo, percebeu, além de perspectivas diferentes, a curiosidade dos barbeiros e clientes, que nunca o ouviram falar sobre assuntos que não fossem relacionados à música. Nestas situações observamos a identificação com determinados complexos estruturantes da realidade do sujeito.

São aqueles de difícil acesso, mas que contribuem imensamente para o entendimento da estrutura de desenvolvimento da personalidade do sujeito (Jung, 2013).

No final do atendimento, ao se despedir de seu barbeiro, o mesmo comenta que foi bom conversar sobre um assunto diferente. Como seu sonho de ser músico tomava conta de sua vida a ponto dele só conversar e dar atenção à música, ver 22 falando sobre assuntos que ocasionaram uma reflexão causou admiração. Neste sentido, fica claro a afirmativa de que “vemos nos outros aqueles traços positivos que possuímos mas que, por qualquer razão, não deixamos que penetrem na nossa consciência e que não conseguimos discernir” (Zweig & Abrams, 1994, p. 62). Entretanto, não há neste momento uma consciência sobre si. Afinal, a sequência dos acontecimentos vai descrevendo um personagem que ainda permanece idealizando sua condição.

Em outras palavras, Joe nesse momento projeta conteúdos positivos e de sua sombra, ao mesmo tempo em que começa a ter uma percepção sobre outros assuntos. Costumeiramente, ele não refletiria. Mas a visualização da possibilidade através da 22 fez com que ele pudesse perceber que ele poderia ser um outro.

Seguindo a narrativa, após sair da barbearia, 22 acaba rasgando a calça de Joe. O que faz ele precisar se dirigir ao ateliê de sua mãe para consertar a tempo de sua apresentação. A mesma já teria descoberto seu plano de seguir seu sonho, ideia reprovada por ela.

Ocorre então uma conversa, na qual Joe orienta 22 ao que dizer à mãe. Neste diálogo, podemos identificar a integração de vários aspectos da psique de Joe. Em específico, a sombra, pois todos esses conteúdos estavam reprimidos, bem como uma verdadeira relação com sua alma. Pois, ao invés de responder às indagações de forma impetuosa e explosiva, expôs seus pontos de vista de forma sentimental, encarando com coragem suas emoções. O que fez com que sua mãe pudesse compreendê-lo, já que apenas o desejava uma boa vida, e temia por seu destino.

Em consequência dessa integração vemos o ego de Joe se tornando consciente de seus desejos, sentimentos e angústias. Jung (2020), aponta para a importância da integração de alguns aspectos da alma pessoal para o processo de individuação de um homem, o que o leva a um novo posicionamento frente ao feminino. Significa que, ao trazer uma fala que descreve o que está sentindo, a expressão fez com que sua mãe interpretasse seus sentimentos ligados à seus sonhos perante a música, sendo também um aspecto sobre a realização de um sonho iniciado através de seu pai, que já não está mais entre eles.

Nesta cena, também é possível observar, um rompimento com sua persona. Joe deixa de ser desonesto sobre o que sente, na relação com sua mãe, passa a ser sincero com ela e consigo mesmo, revelando tudo o que antes temia ser reprovado.

Mas vale lembrar, que todas as decisões que Joe tomou em sua vida, o que deixou de fazer ou falar, está diretamente relacionado aos seus complexos, tanto positivos quanto negativos. Em uma perspectiva junguiana, esses complexos são compostos por associações de vivências vinculadas ao ambiente, e também parte da disposição pessoal do indivíduo (Jacobi, 2017). Estes influenciam, interferem e direcionam as ações do sujeito fazendo com que o mesmo aja de determinada forma.

Foram nessas vivências que Joe foi apresentado ao jazz, através de seu pai, homem que ele ouvia tocar em clubes de jazz. Isso lhe causou uma paixão pela música e uma grande admiração pelo pai. Como o vínculo com seu pai foi resumido aos momentos junto ao jazz, acabou se criando um complexo paterno que possuía a música como plano de fundo, fazendo com que a música não fosse apenas uma escolha de carreira, mas sim, uma maneira de conexão emocional com seu pai e uma vida de prazer. O direcionamento dado por esse complexo faz com que Joe se veja apenas como músico, não abrangendo outros aspectos de sua vida e de sua psique.

Foram nessas vivências também, que Joe presenciou sua mãe várias vezes desprezando a carreira de músico. Gerando um complexo materno negativo em alguns quesitos, no qual ele sentia que não seria compreendido em meio a sua paixão pela música. Mas, esse complexo se reorganiza quando ele desabafa com sua mãe, como descrito acima.

Contudo, nesta busca incansável de se tornar um músico, e com todos os contratempos que se desenrolaram entre a realidade e os espaços quânticos, Joe pôde refletir sobre sua atitude perante a vida.

Após sua apresentação junto a Dorotheia, Joe a questiona sobre o que viria então, ela o responde:

*Tem uma história sobre um peixe. Esse peixe foi até um ancião e disse: 'tô procurando um negócio. Um tal oceano'. 'Oceano?', falou o ancião. 'Você está no oceano'. 'Isso?', respondeu o peixe, 'isso aqui é água. O que eu quero é o oceano' (Soul, 2020).*

Com essa fala, Joe retorna à sua casa e tem um momento bastante reflexivo sobre todos os seus aspectos que deixou de lado, que só foi reconhecer em 22. Ele percebe que, como o peixe

da história contada por Dorotheia, ele estava em busca de algo que já possuía, só não o atribuía o devido valor.

Neste sentido, este foi um avanço em seu processo de individuação. Processo esse, que ocorreu ao longo de toda sua jornada. Ao fim do filme, é perceptível que Joe tem muito a se conhecer, re-conhecer-se. Assim, entende-se o quanto a individuação é um processo contínuo, pois enquanto sujeito, Joe continuamente passará por diversas transformações, e sempre terá mais aspectos para se descobrir.

### **Considerações finais**

Tendo em vista alguns aspectos apresentados, vemos o quanto o filme Soul (2020) exemplifica o processo de individuação através da trajetória do personagem Joe Gardner.

Ao se pensar na obra cinematográfica como recurso para a psicologia, durante a narrativa da animação, as experiências individuais dos telespectadores os levam para distintas compreensões, a partir da vivência de cada sujeito. Em uma visão cinematográfica, o filme objetiva refletir sobre “Por que você é você?”, sobre autoconhecimento e propósito de vida. Já em uma ótica teórica Analítica, conseguimos abranger algumas temáticas e correlacionar conteúdos. Compreendendo que ao longo de toda trama, aspectos reprimidos da vida do protagonista vão se manifestando gradativamente, e colaborando para seu processo contínuo de individuação, conseqüentemente, uma melhora em suas relações interpessoais. Dentro da perspectiva aqui adotada, isso ocorre pois as experiências do personagem principal vão fazendo com que o mesmo entre em contato com aspectos menos valorizados e observados de sua vida.

Sendo assim, de forma lúdica, o filme retrata um dos maiores objetivos da psicoterapia analítica que, como dito, relaciona-se com o processo de individuação. As cenas oferecidas pela animação oferecem um plano em que o indivíduo percebe-se através de novas nuances, resultante de reflexões que podem ser conduzidas, também, em espaço terapêutico.

Em conclusão, reafirma-se a importância de estudos sobre a temática da individuação e da psicologia analítica em conjunto com o cinema, e outras produções artísticas. Um outro caminho que aqui se abre é a utilização de materiais diversos no setting terapêutico. Os conteúdos apresentados possibilitam a relação entre cinema e psicologia, que podem ser

utilizados como prática de técnicas aplicadas em setting terapêutico, a partir do entendimento de conteúdos apresentados.

### Referências

- Barcellos, G. (2016). Jung, junguianos e arte: Uma breve apreciação. *Pro-Posições*, 15(1), 27–38.  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643841>.
- Brackett, D. (2009). Música soul. *Opus*, 15(1), 62-68.  
<https://anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/262/242>
- Downing, C. (1994). *Espelhos do self: As imagens arquetípicas que moldam a sua vida*. (1. ed.). Cultrix.
- Edinger, E. F. (2004). *Ciência da alma: Uma perspectiva junguiana*. Tradução Gustavo Gerheim. (1. ed.). Paulus.
- Hark, H. (2000). *Léxico dos conceitos junguianos fundamentais: A partir dos originais de CG Jung*. (1. ed.). Loyola.
- Hillman, J. (1996). *O código do ser*. (3. ed.). Objetiva.
- Jacobi, J. (2017). *Complexo, arquétipo, símbolo: na psicologia de C. G. Jung*. (1. ed.). Vozes.
- Jung, E. (2020). *Animus e anima: Uma introdução à psicologia analítica sobre os arquétipos do masculino e feminino inconscientes*. (2. ed.). Cultrix.
- Jung, C. G. (2013). *Psicogênese das doenças mentais*. (6. ed.). Vozes.
- Laffitte, E. S. (2002). *A persona e a sombra da organização: Uma análise das defensividades organizacionais* [Tese, Mestrado, Universidade Federal do Paraná].  
<https://hdl.handle.net/1884/32290>
- Monteiro, D. M. (2013). *Jung e o cinema: Psicologia analítica através de filmes*. (2. ed.).

Juruá.

Murray, D. (Produtora), & Docter, P. (Diretor). (2020). *Soul* [filme]. Estados Unidos: Pixar Animation Studios.

Neumann, E. (1990). *História da origem da consciência*. (5. ed.). Cultrix.

Sanford, J. A. (1987). *Os parceiros invisíveis: O feminino e o masculino dentro de cada um de nós*. (1. ed.). Paulus.

Silveira, N. (2015). *Imagens do inconsciente*. (1. ed.). Vozes.

Stein, M. (2000). *Jung o mapa da alma: Uma introdução*. (1. ed.). Cultrix.

Stein, M. (2020). *Jung e o caminho da individuação: Uma introdução concisa*. (1. ed.). Cultrix.

Von Franz, M. L. (2002). *A sombra e o mal nos contos de fada*. (3. ed.). Paulus.

Zweig, C., & Abrams, J. (1994). *Ao encontro da sombra: O potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. (1. ed.). Cultrix.